

O PÓS-COLONIAL NO CONTO *ARGUMENTUM CHRONOLOGICUM*, DE VERONICA STIGGER

BIANCA BECKER PERTUZATTI¹; ALFEU SPAREMBERGER²

¹Universidade Federal de Pelotas – biancapertuzatti.bbp@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alfeu.sparemberger@outlook.com

1. INTRODUÇÃO

A escritora gaúcha Veronica Stigger publicou, em 2007, seu segundo livro, intitulado *Gran Cabaret Demenzial*, o qual contém o conto “Argumentum Chronologicum”, objeto de análise deste trabalho. Nesse conto um narrador homodiegético, em primeira pessoa, faz uma apresentação oral em estilo acadêmico de um relato de viagem. Suas primeiras palavras são justamente os cumprimentos aos senhores e senhoras que o estão assistindo. Ao longo do conto isso também é evidenciado por menções a *slides* e gráficos que estariam sendo apresentados ao público.

O conteúdo dessa comunicação de cunho científico resulta de uma viagem realizada a um pequeno país fictício chamado Jakoo, um país isolado que recebe poucos estrangeiros e que possui uma população pouco interessada no turismo. A grande questão que norteia o conto é o modo como os jakooanos entendem e valorizam o tempo, adotando medidas contrárias às convenções de medição entendidas como universais, o que provoca a insatisfação dos europeus, em especial dos ingleses, incapazes de compreender a cultura do pequeno país.

O foco deste trabalho, então, é a análise do conto de Stigger a partir de uma perspectiva pós-colonial, entendendo-se aqui o pós-colonial, em concordância com a definição de ASHCROFT, GRIFFITHS e TIFFIN (2002), como um termo que “abarca toda a cultura afetada pelo processo imperial do momento da colonização até os dias atuais. Isso porque existe uma continuidade de preocupações através de todo o processo histórico iniciado pela agressão imperial europeia” (p. 2, tradução minha). Além do estudo referido, são utilizados, ainda, os trabalhos de SAID (2011) sobre o imperialismo, a visão de BHABHA (1998) sobre os processos de negociação cultural, as análises de RÜCKERT (2019) sobre a relação entre os gêneros literários e o pós-colonialismo, assim como as críticas de SPIVAK (2010) ao modo de representação dos subalternos.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi construído a partir de uma abordagem qualitativa, sendo realizada uma pesquisa bibliográfica envolvendo a análise do conto “Argumentum Chronologicum”, de Veronica Stigger, assim como a leitura de estudos teóricos e críticos a respeito da pós-colonialidade utilizados como base da pesquisa em questão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Edward Said, em seu livro *Cultura e Imperialismo* (2011), argumenta que no Ocidente, de modo geral, parece existir uma visão preponderante de que o Terceiro Mundo é irremediavelmente dependente, assumindo, assim, que “as regiões



distantes do mundo não possuem vida, história ou cultura dignas de menção, nenhuma independência ou identidade dignas de representação sem o Ocidente” (p. 21). O conto de Veronica aqui analisado aponta na mesma direção, uma vez que, no decorrer da trama, os europeus – representados pelos ingleses em particular – parecem ser incapazes de compreender que os jakooanos possuem visões e crenças diferentes em relação ao tempo. Em seu relato de viagem, o narrador explica que a questão do tempo é central no sistema de crenças do povo de Jakoo, de acordo com o que fica registrado no seguinte excerto: “Extremamente religiosos, eles adoram um único deus, o deus I-lh, que na língua local significa aquele que controla o tempo” (2007, p. 47).

Agindo, então, segundo sua fé, o povo desse pequeno país decide fazer alterações à convenção universal de medida do tempo, reestruturando a divisão dos fusos horários e criando relógios sofisticados que indicavam o horário exato de cada pessoa de acordo com a sua localização espacial. Como resposta, a imprensa inglesa demonstrou seu menosprezo. Temos, pelas palavras do narrador, o seguinte registro: “o jornal ridicularizava o invento deste povo do Pacífico, qualificando-o de, cito, *extravagant and completely useless*.” (2007, p. 49). A escolha de manter todos os comentários do jornal europeu em inglês pode ser interpretada como uma reiteração da diferença entre europeus e jakooanos, sendo, também, um apontamento crítico – que é reforçado ao longo de toda narrativa – da visão de que a cultura inglesa/europeia é a cultura universal.

Posto isso, a reação do povo da pequena ilha foi desvencilhar-se cada vez mais das normas impostas. O físico responsável pela criação do novo relógio afirma: “já que a Europa não respeita nosso altíssimo deus, nós não iremos mais respeitar suas estúpidas convenções” (2007, p. 49). No decorrer do conto a fluidez das novas medidas de tempo começa a incomodar os jakooanos, que decidem orientar-se pelo sol e começam a trabalhar em um tipo de compasso que indica a posição exata do astro. As críticas europeias, entretanto, seguem, e, com elas, aumenta o incômodo da população local, até que, por fim, um dos físicos que estava trabalhando no compasso, chamado Baaktiir, em alusão ao filósofo russo Bakhtin, faz uma crítica que o narrador utiliza como ponto final de sua apresentação:

Baaktiir lembrou, a propósito, uma frase do poeta russo Iosif Brodskii: cito, qualquer movimento ao longo de uma superfície plana que não seja ditado pela necessidade física é uma forma espacial de auto-afirmação, seja ele a construção de um império ou uma viagem turística. E a nós, concluiu Baaktiir, não interessam nem o turismo, nem os impérios (2007, p. 53).

Aqui é exposta, de maneira nítida, a crítica do conto ao imperialismo europeu, destacando, mais uma vez, a posição de diferença entre os jakooanos e os ingleses. Nesse sentido, é interessante pensar na análise que faz BHABHA (1998, p. 20), de que: “É na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de *nação* [nationess], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados”. No conto de Veronica é possível observar justamente como ocorrem tais processos de negociações culturais, uma vez que toda a narrativa é construída a partir desse espaço de confronto das diferenças entre os povos. Cada alteração das convenções pela população de Jakoo gerava uma reação dos europeus, que, por sua vez, instigavam a ira e as respostas dos jakooanos.

É necessário ressaltar, entretanto, que tal processo de negociação cultural não ocorre entre partes igualitárias em termos de poder, e aqui podemos pensar em

como os discursos de verdade que se sobressaem são os dos colonizadores, o que se evidencia no conto a partir da sua própria estruturação como apresentação acadêmica de um relato de viagem exposto por um narrador estrangeiro. Quer dizer, todas as informações que possuímos sobre Jakoo e seu povo são apresentadas por um narrador que não pertence a essa cultura. Seu discurso é produzido como um discurso de verdade para um público que, muito provavelmente, não terá nenhum acesso à cultura deste país por outros meios. Destaca-se, ainda, que o narrador busca um tom de distanciamento ao apresentar “aquela peculiar civilização”. As marcas de um posicionamento de estrangeiro estão presentes ao longo do conto, como quando, a título de exemplo, faz referência ao idioma de Jakoo como uma “estranha língua” (2007, p. 46).

Além disso, é significativa a escolha de estruturação do conto a partir de um relato de viagem, porque, historicamente, esse gênero foi muito utilizado pelos colonizadores europeus para impor como verdade suas visões sobre os povos colonizados. Nesse sentido, talvez o exemplo mais famoso no Brasil seja a carta escrita por Pero Vaz de Caminha ao rei português D. Manuel, na qual ele descreve “os índios com quem encontra no solo brasileiro por meio dos adjetivos “selvagem”, ‘ingênuo’ e ‘servil’” (RÜCKERT, 2019, p. 20), características não muito diferentes das que são atribuídas aos jakooanos. Ao mesmo tempo, também é significativo o relato de viagem ser exposto no conto a partir de uma apresentação oral em formato acadêmico, levando em consideração a crítica de SPIVAK (2010) ao modo como os intelectuais ocidentais tendem a adotar uma postura de suposta transparência ao referirem-se aos subalternos, tal qual a postura assumida pelo narrador do conto de Veronica Stigger.

Por fim, RÜCKERT (2019, p. 28) expõe que, “ao se apropriar de determinado gênero literário, o sujeito pós-colonial insere-se nas disputas de poder pelo discurso, tomando para si uma prática de privilégio do colonizador”. Sendo assim, as escolhas dos gêneros que estruturam o conto aqui analisado compõem e reforçam a crítica pós-colonial que é construída na narrativa de Stigger.

4. CONCLUSÕES

“Argumentum Chronologicum”, de Veronica Stigger, tem como tema central as relações entre dois povos (jakooanos e ingleses), as quais são construídas em processos de negociações culturais (no sentido complexo atribuído por Bhabha) repletos de confrontos marcados pelo imperialismo. Além disso, a própria estrutura do conto é composta por dois gêneros textuais comumente utilizados pelos colonizadores para impor discursos de verdade sobre os colonizados, sendo eles: a apresentação acadêmica e o relato de viagem. Tal aspecto revela que as diversas forças que orientaram o Imperialismo fizeram uso de movimentos aparentemente desinteressados, como a filantropia, a religião, a ciência e a arte. Isso não significa criticar as artes e a cultura em bloco, como observa SAID (2011), mas ressaltar que “os processos imperialistas ocorreram além do plano das leis econômicas e das decisões políticas” (p. 44), ou seja, no plano geral da cultura nacional empenhada em colonizar.

Dessa maneira, conteúdo e forma complementam-se na composição de um conto que destaca o quão presentes são as questões imperiais ainda hoje, o que reforça a importância de tal pesquisa, uma vez que é justamente a presença contínua das preocupações iniciadas pelo processo imperial europeu que justificam

a análise pós-colonial de como essas questões permanecem afetando as sociedades e de como isso manifesta-se na literatura.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **The Empire Writes Back**. London, England: Routledge, 2002.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

RÜCKERT, Gustavo. **Entre pós-colonialismos: a escritura da história colonial em romances portugueses e angolanos**. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STIGGER, Verônica. **Gran Cabaret Demenzial**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.